

TEXTO III

COTIDIANO NOS SERVIÇOS DE ACOLHIMENTO: REGISTROS DE ATIVIDADES E BOAS PRÁTICAS

“Mudar é difícil, mas é possível”.

Paulo Freire



Fonte: Projeto Circulando Primeira Infância ¹

1. Sobre o cotidiano dos serviços de Acolhimento Institucional

Nos primeiros módulos deste curso discutimos o desenvolvimento infantil e o acolhimento de bebês na perspectiva do desenvolvimento integral. Neste módulo daremos continuidade às questões que envolvem o acolhimento de crianças em sua primeira infância, especialmente os bebês com o olhar voltado para o cotidiano destes serviços. Abordaremos questões importantes como o a importância dos registros e o trabalho com histórias de vida.

Antes de tudo, é importante lembrar que foi a partir da implantação do Sistema Único de Assistência Social em 2005, que gradativamente, as unidades de acolhimento foram

¹ <http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=6497192>

municipalizadas e houve abertura para as ações que caracterizaram o reordenamento deste e a implantação de novas diretrizes atingindo seu funcionamento.

Desde 2009, temos a aprovação da Cartilha de Orientações Técnicas para Serviços de Acolhimento e muitos avanços concretos nesta área. Entre as principais mudanças ocorridas neste período podemos citar o atendimento personalizado e em pequenos grupos, a preservação dos vínculos familiares e o trabalho com famílias para a reintegração familiar e não menos importante a garantia do direito à convivência familiar e comunitária. Portanto, vamos tratar do cotidiano destes serviços e aprender com que tem excelentes experiências para dividir e para isso focar em práticas que sejam promotoras do desenvolvimento infantil, ou seja, práticas educativas que respeitam direitos e que promovem qualidade de vida a essas crianças.

Nesse sentido, a organização do cotidiano e suas rotinas que é responsabilidade dos adultos que trabalham no abrigo, pode facilitar ou dificultar o processo de desenvolvimento e de reparação de possíveis prejuízos que essas crianças já carregam em suas curtas histórias de vidas. Para que a rotina da unidade funcione bem e possibilite o alcance dos objetivos propostos é necessário um bom planejamento das atividades.

O ambiente institucional e as relações estabelecidas nele influenciam diretamente o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo – a construção das identidades e o projeto de futuro – de cada uma das crianças que vivem ali. A experiência institucional pode se constituir em fator de proteção, conforme determina o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, incentivando o desenvolvimento sadio dos (as) acolhidos (as).

Organizar e manter uma rotina dentro da casa é extremamente importante, pois promove **estabilidade** e gera **segurança** para as crianças. Saber, por exemplo, que o banho será sempre no fim da tarde, depois da brincadeira, que o lanche é servido sempre às 16 horas ou que o limite para dormir é às 21 horas é bastante tranquilizador para elas, que às vezes testarão os limites e tentarão mudar as regras, mas se sentirão seguras e confiantes por haver uma rotina conhecida.

Outra questão importante na rotina de cuidados do abrigo é a **constância** e **previsibilidade**. Segundo BARILE (2017), a constância da presença humana é fundamental para o desenvolvimento

do bebê. É a partir de suas experiências de cuidado que ele constrói a noção de tempo e de previsibilidade. Um bebê pode ser cuidado por muitos adultos e mesmo assim desenvolver confiança e segurança no mundo. Para tanto, a equipe de profissionais precisa estar alinhada em suas condutas e estabelecer um plano de trabalho para cada criança, que deve ser seguido por todos. A comunicação entre plantões e as reuniões de equipe são fundamentais para a construção das intervenções com os bebês, o que acontece nos diferentes turnos favorece uma conduta coesa em face das necessidades de cada criança.

Algo que não deve acontecer, por exemplo, é os (as) educadores(as) de um plantão oferecerem chupeta na hora de dormir e os(as) do outro turno não.

2. A importância dos registros no acolhimento institucional

Uma das formas de garantir a constância dos cuidados com o bebê são os registros diários sobre a rotina dos pequenos. Não há um padrão sobre como estes registros devem ser feitos. Algumas casas fazem uso de um “**Diário de rotina**”, outras fazem “**Livros de ocorrência**” e têm aquelas em que cada bebê tem sua “**Caderneta**”. Cada lugar encontra sua ferramenta e seu jeito de fazê-los.



Um dos desafios dos serviços de acolhimento é o aprimoramento de uma **prática de registro** incorporada ao cotidiano das instituições. Sua importância está na necessidade de documentar os principais acontecimentos datados sobre a instituição e as vidas que ali se desenvolvem. Existem informações que devem ser disponibilizadas diariamente aos trabalhadores, e eles precisam se apropriar delas antes de iniciar seus plantões. Há registros sobre a rotina da instituição, dinâmicas de trabalho, passeios, eventos e sobre a história da instituição. Há também outro tipo de registro em que as informações podem ser mais elaboradas e permitem a expressão de um olhar mais sensível e reflexivo sobre as crianças.

ATO DE REGISTRAR,
ATO DE REFLETIR!

O ato de escrever – de construir uma narrativa através de palavras que traduzam o que foi observado, escutado, vivenciado – é um ato de reflexão. Ao registrar, encontramos sentidos,

formulamos questões, temos ideias e a chance de mudar pontos de vista e condutas. O momento de parada necessário para um registro como esse nos convida a pensar e sentir o impacto da experiência do cotidiano sobre nós. Ao escrever sobre um episódio difícil vivido com uma criança, fazemos um contato mais demorado com o que se passou e com a própria criança, sem a pressa da situação em ebulição.

Além de auxiliar na circulação da palavra entre os diversos profissionais de um mesmo serviço, o registro tem também o papel de testemunhar e relatar o período de acolhimento. O educador tem muito a dizer sobre cada bebê, pois convive com ele quase todos os dias, conhece suas particularidades e acompanha seu crescimento. O dia em que nasceu o primeiro dente de João ou o dia em que a cozinheira fez uma papinha nova que a Bebel gostou muito são exemplos de pequenas e importantes vivências que tornam única a história de cada bebê, merecendo, portanto, o registro. (BARILE, 2017, p. 09).

É interessante lembrar que os registros são uma excelente forma de conectar os atores da rede e que os(as) educadores (as) precisam ter livre acesso aos prontuários. Quando trabalhamos com bebês, como também com crianças e adolescentes, o conhecimento de suas histórias é essencial para que entendamos alguns comportamentos que a princípio podem nos parecer enigmáticos. Os dados de suas histórias possibilitam uma melhor compreensão da criança por parte do educador, que poderá agir de maneira mais consistente e consciente. No caso dos bebês, que ainda não falam, o conhecimento da história é fundamental para decodificar seus comportamentos e sinais de sofrimento.

A provisoriidade do abrigo prevista pelo Estatuto da Criança e do Adolescente não justifica a organização precária do cotidiano. Para a criança, qualquer tempo que permaneçam ali será uma experiência significativa; e, quanto mais nova, a criança, é necessário considerar que o período de dias ou semanas tem importância, construtiva ou prejudicial, em sua experiência pessoal.

3. O trabalho com histórias de vida

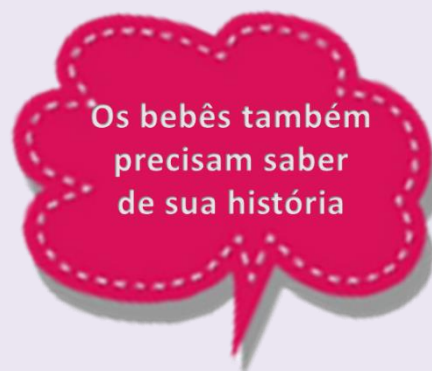
Para a criança que é acolhida o mundo que ela conhecia deixa de existir – ainda que temporariamente – tendo que passar por um grande desafio: incorporar em sua história um novo mundo e novas referências. O universo que lhe era familiar e conhecido, mesmo que algumas vezes conturbado e perigoso, é substituído pela instituição que a recebe. Isto pode fazer com que sua identidade fique ameaçada, pois perde os alicerces que a sustentam: seus pais, cultura familiar, comunidade. O passado, o presente e o futuro ficam abalados, e a criança perde a sensação de segurança e controle em relação ao que vai acontecer com ela. Desta forma,

reconhecemos que o abrigo congrega uma diversidade de histórias e biografias particulares que foram construídas em um cotidiano organizado de acordo com os costumes da família e a maneira própria de cada um cuidar e educar seus filhos.

Agora, no abrigo, as rotinas necessariamente serão outras, porque lá convivem muitas crianças e adolescentes com idades e necessidades diferentes e, principalmente, porque os profissionais envolvidos têm a responsabilidade de garantir a todos os seus direitos.

Falar de histórias de vida é dizer que essas crianças são únicas, é dizer que, embora algum direito tenha sido violado e tenha havido uma separação, cada uma tem uma história, a sua, que é diferente de todas as outras. No processo de construção da identidade, na busca de uma compreensão de nós mesmos, necessariamente nos fazemos perguntas como: “De onde eu vim?”; “Qual a minha história?”

E quando estamos falando de bebês? Como vamos ajudar crianças tão pequenas e com histórias tão difíceis se os adultos não sabem como dizer ao bebê ou à criança o motivo de seu acolhimento, preferindo o silêncio ou dizer-lhe que sua mãe chegará em breve, como forma de acalmá-lo. Muitos preferem não saber da história, pois acreditam que esse conhecimento influencia negativamente nos cuidados com o bebê. No entanto, aí reside um perigo, pois o bebê, diferente da criança e do adolescente, não pergunta sobre sua história, não questiona diretamente, grita ou sai quebrando o que vê pela frente para entender o que vive. Isso não significa que ele não precise saber de sua história e que possamos omiti-la ou negá-la. Pelo contrário, o bebê tem outras formas de apresentar sofrimento por não saber de sua história, formas muito mais sutis e difíceis de serem reconhecidas.



O contato com as histórias de vida é permeado por mitos e medos que acabam dificultando o trabalho. É importante lançarmos um novo olhar para essas ideias preestabelecidas, sem deixar de validar o desafio do trabalho. Todas as histórias de vida são compostas de momentos alegres e tristes, conquistas e perdas, sonhos e pesadelos. Uma história nunca é exclusivamente triste, assim como não é possível que seja exclusivamente feliz. Os(as) educadores(as) precisam estar

dispostos(as) e abertos(as) para escutar a história da criança da forma como ela for, com seus aspectos positivos e também doloridos.

Nesse sentido, a história do bebê encontra-se, de um lado, inscrita e marcada em seu corpo por meio de sinais que os(as) educadores(as) precisam ler e reunir, como em um grande quebra-cabeça e, por outro lado, nas informações que são fornecidas tanto pela Vara de Infância quanto pelo Conselho Tutelar, ou por qualquer pessoa que tenha estado com o bebê ao longo do período de acolhimento. Essa diversidade de informações ajuda a arquitetar hipóteses sobre as necessidades e demandas desse bebê.

Falar com um bebê e nomear fatos importantes sobre sua história revela uma clareza por parte do(a) educador(a) sobre a importância de sua função junto àquele: a de lhe oferecer uma versão sobre o porquê de sua separação em relação à família e de lhe garantir um lugar singular de cuidado e proteção. A ideia é de que, com isso, a criança possa, mais adiante, construir uma versão própria a respeito de sua vida. Lidar com histórias complexas de abandono, negligência e violência exige um acompanhamento constante da equipe. Muitas vezes o não querer saber das histórias é uma defesa contra o sofrimento que elas causam. Daí o porquê dos espaços de formação, reflexão e supervisão institucional serem fundamentais.

Uma excelente estratégia para apoiar crianças neste momento é a apresentação de histórias. Há muito tempo que a humanidade utiliza as histórias para revelar e transmitir uma visão do mundo físico e social, seus valores fundamentais, auxiliar na elaboração das angústias, etc.

As histórias abordam questões fundamentais da existência humana, nos quais a temporalidade é contemplada nas narrativas com começo, meio e fim. Elas têm sempre algum significado e podem tocar, com mais ou menos intensidade, algum “lugar” – ideia ou sentimento – desconhecido em nós. A linguagem



acessível das histórias infantis faz com que as crianças se identifiquem com determinados personagens, com seus conflitos, “se vejam” em determinadas situações, vislumbrem outros modos de lidar com acontecimentos e superar conflitos equivalentes àqueles que vivem ou viveram.

A leitura e o contato com os livros estimulam as crianças a falar das histórias lidas e das histórias vividas: ampliam seu repertório verbal, auxiliam no processo de alfabetização e escolarização, propiciam conforto ao descobrir que outros também vivem determinadas situações, têm medos e desejos dos quais se envergonham.

Também podemos inserir os bebês neste processo. A apresentação dos livros para os bebês pode ser feita através da mediação de leitura. A comunicação com um bebê, que ainda está se inserindo no universo da linguagem, passa por outros canais que não apenas as palavras. Ao ler uma história para os bebês, o adulto pode apresentar mudanças em seu tom de voz, expressão facial e atitude corporal. Este contato imprime um registro sensível para o bebê e o ajuda a compreender o outro.

Falar sobre as angústias, alegrias, raivas, dúvidas e desconfianças vividas e despertadas pelos personagens dos livros alivia o estranhamento em relação a si mesmos, suas ideias e sentimentos. Os desejos e afetos que as crianças possuem e muitas vezes não entendem, não conhecem ou têm receio de conhecer podem ser percebidos, reconhecidos e nomeados a partir da leitura (ou escuta) de um livro. Assim, ouvir e ler histórias mobiliza suas

lembranças, permitindo-lhes encontrar um sentido para muitas de suas experiências. A cultura é o ambiente onde o bebê está inserido, é o mundo que lhe será apresentado. A literatura faz parte desta cultura e deve ser introduzida o mais cedo possível como um estímulo ao gosto pela leitura e escrita, que serão formalizadas quando a criança tiver maturidade para isto.



4. O álbum de história: um presente para o bebê.



O álbum é um elemento concreto, representa um espaço de expressão e registro da vida de cada um, sobre seu presente, passado e futuro. O investimento na construção do álbum transmite à criança a ideia de que seu conteúdo, ou seja, sua história tem grande valor. É um objeto de identificação, reconhecimento e significação da trajetória de cada um. Ele deve ser cuidado e preservado, sempre com a responsabilidade assumida também pelos adultos da casa. E, quando a criança é desligada do serviço de acolhimento, seja pela reintegração familiar, colocação em família substituta, devem levá-lo, pois lhes pertence.

A história do bebê é preciosa e não estará registrada em sua memória consciente, já que são raras as lembranças dessa etapa da vida. A elaboração do álbum é um presente para o bebê, que terá registrados momentos importantes de sua vida, podendo ter acesso a eles sempre que quiser saber mais sobre sua infância. A proposta é registrar todas as informações que os pais costumam colocar no álbum de seus filhos pequenos: peso, tamanho, cor do cabelo, olhos, o brinquedo favorito, a comida preferida, a cor que chama mais sua atenção, etc. A informação sobre seu desenvolvimento e como ele interage com o mundo a seu redor também são muito significativas.

Por mais delicado que seja o tempo de acolhimento e o período que o antecedeu, eles são parte importante da história do bebê, não podendo ser apagados de sua vida. Embora tenhamos a tendência de querer registrar apenas as conquistas e os bons momentos, enfatizamos a importância de também registrar no álbum as histórias mais difíceis, já que são vivências que marcam os bebês e dizem de momentos delicados pelos quais passaram.

Uma estratégia que funcionou em um serviço de acolhimento foi deixar disponível uma caixinha com papéis e caneta. Todos os funcionários da casa, quando percebiam algo de interessante sobre um bebê, registravam e colocavam dentro da caixinha. Então, quando o educador de referência ia fazer algum registro no álbum ele verificava se havia algum papel dentro da caixa falando sobre o bebê. Desta maneira, quase nenhuma história se perdia.

O Instituto Fazendo História² é detentor de uma excelente metodologia que inspirou algumas publicações com orientações sobre a construção de álbuns com histórias de vida. Com informações como: quem sou; minha família e a construção da árvore genealógica; sentimentos,

quando eu cheguei no abrigo; gravidez; meu cantinho; minha rotina e acontecimentos.

Apesar de todas as questões aqui apresentadas, ainda é possível pontuar dificuldades que atingem diretamente a qualidade do serviço, concepções e práticas equivocadas nos dias atuais. O grande desafio é exatamente a organização das atividades do acolhimento institucional de modo a minimizar dificuldades e práticas. Tudo o que acontece no cotidiano dos serviços de acolhimento é extremamente importante, por mais insignificante que pareça.

Neste momento passamos a observar mais de perto quais questões vamos experimentar quais práticas e reflexões sobre o cotidiano dos serviços de acolhimento institucional para crianças estão de fato conseguindo garantir direitos e conseqüentemente, um bom desenvolvimento? Da organização do espaço físico ao processo final de reintegração familiar tudo é importante.

Durante estes módulos valorizamos experiências e práticas que tem em sua essência o respeito e a vinculação afetiva. Sabemos que existe uma linha muito tênue entre cuidar, afagar, orientar e se oferecer enquanto figura de apoio sem, contudo, confundir essa função com a prática da paternidade ou de maternidade. Por isso, pesquisas mostram na vivência desses profissionais, é muito difícil cuidar dessas crianças de maneira afetuosa, carinhosa, se apegar, para depois sentir a angústia da separação no momento do desligamento. Ainda assim, apontamos para os danos que um processo de cuidado mecânico e excessivamente centrado na necessidade dos adultos pode causar a estas crianças, o quanto estas práticas simples e organizadas podem

² <https://www.fazendohistoria.org.br/construcao-do-album>



evitar o agravamento do sofrimento de que estas crianças já foram vítimas. Neste sentido recomendamos o registro como uma das principais ferramentas de qualidade dos serviços de acolhimento e o trabalho com história de vida como excelentes experiências de boas práticas nestes serviços. Por fim, sugerimos a seguinte reflexão: qual lugar ocupamos neste processo?



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARILE, Tatiana. **Desenvolvimento Infantil**. Texto III – Curso Primeira Infância e Acolhimento: princípios e boas práticas. Capacita SUAS. Pernambuco, 2017. Disponível em <https://ead.sdscj.pe.gov.br/>

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda); Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS). Resolução Conjunta nº 1 , de 18 de junho de 2009. Aprova o documento **Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes**. Brasília, 2009.

_____. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei Federal 8.069/1990.

CAVALCANTE, Lília Iêda Chaves(org.) **Acolhimento institucional de crianças e adolescentes: teorias e evidências científicas para boas práticas**. Curitiba: Juruá, 2018.

NOGUEIRA, Fernanda (org). **Entre o singular e o coletivo: o acolhimento de bebês em abrigos**. - 1. ed. - São Paulo: Instituto Fazendo História, 2011.

O acolhimento de bebês: práticas e reflexões compartilhadas. Instituto Fazendo História.

THOMAZO, Juliana Saliba Di. (org.) **INSPIRAR Ideias e boas práticas para serviços de acolhimento de crianças e adolescentes**. Federação das Entidades Assistenciais de Campinas – FEAC. Disponível em <https://www.feac.org.br/portfolio-items/inspirar-ideias-e-boas-praticas-para-servicos-de-acolhimento-de-criancas-e-adolescentes/?portfolioCats=3105>.